

Autorreferência generalizadora com *a pessoa, uma pessoa* e outros nomes humanos referencialmente vagos¹

Ana Maria Martins

anamartins@letras.ulisboa.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal)

ABSTRACT.

This article analyzes data extracted from the *Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects* (CORDIAL-SIN) and *Corpus Africa* with the aim of demonstrating that the arbitrary/indefinite expressions *uma pessoa* and *a pessoa* convey first-person-based genericity, that is, what Moltmann (2010) calls ‘generalizing detached self-reference’. Differences in contextual adequacy between *uma pessoa* and *a pessoa* are then discussed using intuitive data. It is suggested that such distributional differences are a consequence of the greater interpretative flexibility of *a pessoa* (which allows an inclusive or exclusive reading) relative to *uma pessoa* (which only allows an inclusive reading). Finally, the geolinguistic distribution of *uma pessoa* and *a pessoa* in the Portuguese territory is compared to the geolinguistic patterns found for other expressions with human general nouns that also seem to convey generalizing detached self-reference (i.e. *homem, fulano, fulana, gajo, tipo, indivíduo, mulher*).

KEYWORDS.

Uma pessoa; a pessoa; detached self-reference; genericity; human general nouns; corpus data.

RESUMO.

Este artigo analisa dados extraídos do *Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) e do *Corpus África* para mostrar que as expressões arbitrárias/indefinidas *uma pessoa* e *a pessoa* expressam genericidade ancorada na primeira pessoa, ou seja, aquilo que Moltmann (2010) designa por ‘autorreferência projetada generalizadora’ (*generalizing detached self-reference*). Identificam-se depois, com recurso a dados intuitivos, diferenças de adequação contextual entre *uma pessoa* e *a pessoa* e sugere-se que são consequência da maior flexibilidade interpretativa de *a pessoa* (que pode ter leitura inclusiva ou exclusiva) face a *uma pessoa* (que tem sempre leitura inclusiva). Por fim, observa-se a distribuição geográfica no território

¹ Agradeço aos organizadores do presente volume o convite para contribuir para esta homenagem a Fátima Oliveira, um dos principais rostos da semântica formal em Portugal e a colega do Porto sempre disponível para colaborar com a Universidade de Lisboa. Sendo a pessoa generosa que é, a Fátima desculpar-me-á esta tentativa de leve incursão em seara alheia. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00214/2020 e SynAPse, PTDC/LLT-LIN/32086/2017.

português de *uma pessoa* e a *pessoa* comparativamente a outras expressões com nomes humanos referencialmente vagos que parecem exprimir também autorreferência projetada generalizadora (i.e., *homem, fulano, fulana, gajo, tipo, indivíduo, mulher*).

PALAVRAS-CHAVE.

Uma pessoa; a pessoa; autorreferência projetada; genericidade; nomes gerais para humanos; dados de corpus.

1. Introdução

Num artigo intitulado “Detached Self-Reference and the Semantics of Generic *One*”, Moltmann (2010) introduz os conceitos de ‘genericidade ancorada na primeira pessoa’ (*first-person-based genericity*) e ‘autorreferência projetada’ (*detached self-reference*) e mostra que o pronome genérico *one* (que põe em paralelo com PRO arbitrário) é a sua melhor expressão linguística no inglês.²

Generic *one* is a pronoun that, I will argue, expresses generalizing detached self-reference. It is a *first-person oriented generic pronoun* in the sense that it does not stand for the speaker’s actual person, but rather for a range of individuals that the speaker identifies with or simulates.

Moltmann (2010: 440)

Moltmann (2010) identifica duas ‘estratégias semânticas’ que tornam possível a presença de *one* numa frase, uma estratégia de inferência a partir da primeira pessoa e uma estratégia de inferência direcionada para a primeira pessoa:

Strategy 1: Inference from the First Person (first-person based genericity)

Generic *one* (and arbitrary PRO) is licensed in a (simple) sentence establishing a generalization based on a first-person application of the predicate or first-person ‘pretend application’ of the predicate

Strategy 2: Inference to the First Person (first-person targeted genericity)

Generic *one* (and arbitrary PRO) is licensed in a (simple) sentence stating

² Cf. Moltmann (2006).

an (already established) generalization that is to allow for an immediate application to the first person in the reasoning relevant in the context.

Moltmann (2010: 447)

Relativamente à ‘estratégia 1’, que é a que nos interessa no presente artigo, Moltmann (2010) distingue os casos em que o falante generaliza a partir da sua própria experiência (*inference from the actual first person*) daqueles em que o falante adota a perspectiva/se põe na pele de, se identifica com ou se projeta em outros indivíduos (*inference from the simulating first person*). Em ambos os casos, a generalização implica uma projeção para além (ou para fora) de si próprio, envolve abstração de propriedades irrelevantes e uma avaliação subjetiva do que são propriedades comuns a uma ‘pessoa normal’.

First-person-based genericity involves the ability of abstracting from the particularities of one’s own person and situation, judging oneself to be normal in relevant respects, and generalizing to anyone meeting the same conditions. This kind of generalizing self-attribution of properties as a form of abstraction involves distinguishing between relevant and irrelevant features of a given person and her situation. Self-reference of this sort can be called *generalizing detached self-reference*. Generalizing detached self-reference may also be viewed as *generic simulation*, where simulation is to be understood in the sense of Simulation Theory. [...] In general, in fact, the application of the predicate to the first person is not obligatory. Instead the generalization may be made on the basis of the speaker simply identifying with everyone meeting certain conditions (which the speaker himself need not meet).

Moltmann (2010: 450)

Na vertente, ‘primeira pessoa factual’ (*actual first person*), a estratégia 1 pode ser exemplificada pelas frases em (1), na vertente ‘primeira pessoa simulada’ (*pretend first-person*) pode ser exemplificada pelas frases em (2). As frases em (3) e (4) ilustram a ‘estratégia 2’.

- (1) a. *One can see the picture from the entrance.* (Moltmann 2010: 440)
b. A pessoa, se vê que o condutor vem distraído, não atravessa.
- (2) a. *One can see me from the entrance.* (Moltmann 2010: 450)
b. A pessoa pode vir distraída, não me ver e atropelar-me.
- (3) a. *One should be respectful toward the elderly.* (Moltmann 2010: 469)
b. A pessoa deve respeitar os mais velhos.
- (4) a. *One has to hand in the essay tomorrow.* (Moltmann 2010: 446)
b. Oiça, a pessoa tem de entregar o trabalho na data que o professor determina. [frase proferida pelo próprio professor]

O quadro conceptual de Moltmann (2010), associado à análise semântica do inglês *one*, parece relevante para compreendermos o funcionamento dos indefinidos *a pessoa, uma pessoa* no português,³ ainda que estas expressões não tenham o nível de gramaticalização do inglês *one*. Da gramaticalização ‘incipiente’ de *a pessoa, uma pessoa*, ocupou-se Posio (2017, 2021), em dois trabalhos de referência, e não será aqui o nosso foco de interesse. Nas três secções que se seguem, consideraremos

3 Refiro-me às expressões *a pessoa, uma pessoa* como ‘indefinidos’ seguindo Malamud (2013). A autora estabelece uma tipologia das expressões de interpretação arbitrária (‘arbs’, na sua terminologia) que divide entre ‘semanticamente definidas (construções com a terceira pessoa do plural e passivas com agentes implícitos) e semanticamente indefinidas (construções com se-impessoal e com o pronome impessoal *man* do alemão). Um teste determinante é o que a seguir se apresenta, citando Malamud (2013) – ‘QVE’ é a abreviatura de *quantificational variability effects*. Como se vê em (i), *a pessoa* tem, relativamente a este teste, um comportamento semelhante ao dos itens arbitrários indefinidos estudados por Malamud (2013). Malamud (2012) adiciona ao grupo dos indefinidos o inglês *one* e os pronomes de segunda pessoa do singular no seu uso arbitrário (inglês *you*; alemão *du*), ainda que, juntamente com o alemão *man*, combinem o comportamento de indefinidos (podem exibir variabilidade de força quantificacional em contextos em que tal não é acessível às expressões definidas) com uma componente indexical.

“Even more strikingly, the variable introduced with *man* and *si* in the *if*-clause of a donkey sentence can be bound by quantificational adverbs [29a-b], a hallmark behaviour of indefinites [compare 29c-d].

(29) German

a. *Wenn man klug ist, ist man gewöhnlich stolz.*
If one smart is, is one usually proud
‘If a person is smart, he/she is usually proud’
(QVE available: *Most smart people are proud*)

Italian

b. *Se si è intelligenti, si è di solito fieri.*
If SI is intelligent.PL, SI is usually proud.PL
‘If a person is intelligent, he/she is usually proud’
(QVE available: *Most smart people are proud*)

English

c. If people are intelligent, they are usually proud
d. If a man is intelligent, he is usually proud

This pattern shows that constructions with *man* and *si* behave like indefinites, both in the scope of quantification adverbs and in the *if*-clauses of donkey sentences”.

(i) Se a pessoa é inteligente, a pessoa {geralmente/raramente} é orgulhosa.
(QVE: ‘Em geral/raramente as pessoas inteligentes são orgulhosas’)

as seguintes questões: como se evidencia linguisticamente a conexão entre os indefinidos *a pessoa*, *uma pessoa* (morfologicamente, terceira pessoa)⁴ e a primeira pessoa (secção 2); as expressões *a pessoa* e *uma pessoa* são variantes morfológicas semanticamente indistintas e contextualmente em variação livre ou é possível identificar diferenças entre elas (secção 3); que outros nomes humanos referencialmente vagos (designados em alguma literatura por ‘nomes gerais para humanos’) podem ter no português um uso paralelo ao dos indefinidos *a pessoa*, *uma pessoa* e qual é a sua distribuição geográfica no território português (secção 4). O artigo termina com uma breve conclusão (secção 5). A base empírica deste trabalho associa dados intuitivos e dados de corpus, estes extraídos do corpus dialetal CORDIAL-SIN (principal base empírica), do *Corpus África* (apenas dados de oralidade) e, pontualmente, da imprensa escrita.

Antes de passar à secção seguinte, faço uma breve contextualização histórico-geográfica. Os indefinidos *a pessoa*, *uma pessoa* aparecem nos textos portugueses desde pelo menos o século XVI, são comuns a todos os dialetos do português europeu (cf. secção 4), transversais a perfis sociolinguísticos diferenciados e uma frequente estratégia de expressão de um sujeito arbitrário/impessoal na língua falada (Posio 2017, 2021). Fora do território português, encontram-se no português brasileiro (cf. Amaral & Oliveira (2019); Amaral & Mihatsch (2019) e referências nestes trabalhos), no português angolano, no português moçambicano, no português falado em Cabo Verde, na Guiné e em São Tomé e Príncipe. Esta abrangência geográfica está em consonância com a profundidade histórica. Os excertos textuais em (5) e (6) ilustram a presença dos indefinidos *a pessoa*, *uma pessoa* no português quinhentista.

- (5) Pisou uvas no lagar
e tem nódoas nos focinhos
mas ela se irá lavar.
E er também per rezão
qu’ela assi é pertelhoa
lhe merquei eu em Lixboa

4 Ou talvez subespecificados quanto ao traço de *pessoa*, tal como a *gente* na análise proposta por Martins e Nunes (2021).

dum que chamam solivão

que faz luzir **a pessoa** (Gil Vicente, Romagem dos Agravados)⁵

- (6) a. Dão umas mangabas amarellas do tamanho e feição de albricoques, com muitas pintas pardas que lhes dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem; a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que **uma pessoa** coma, não ha fatar-se (Fernão Cardim, *Carta da relação da viagem e missão a Provincia do Brasil*, 1590)⁶
- b. em 21 horas, e menos, morre **huma pessoa** com grandes gritos, e dores, e são tão espantosas, que como **huma pessoa** he mordida logo pede confissão, e faz conta que morre, e assi dispõem de suas cousas. (*idem*)

2. A orientação para a primeira pessoa dos indefinidos *a pessoa, uma pessoa*

Os dados do CORDIAL-SIN, um corpus representativo dos dialetos do português europeu (continental e insular), oferecem-nos ampla evidência da orientação para a primeira pessoa dos indefinidos *a pessoa, uma pessoa*. Essa evidência decorre, em geral, do contexto discursivo, quando os inquiridos descrevem as suas atividades, saberes e experiências de vida enquanto artesãos especializados, como a tecedeira do exemplo (7), o carpinteiro de carroças do exemplo (8) ou os pescadores dos exemplos (9) e (10). Em cada um dos exemplos a sequência discursiva torna claro que *uma pessoa, a pessoa* se refere à primeira pessoa, mas projetada (ou projetável) num conjunto de ‘semelhantes’, do que decorre a leitura também genérica. A ligação anafórica entre *uma pessoa* e os pronomes de primeira pessoa do plural (*a gente, nós* ou pronome nulo), nos exemplos (7), (9), (10), revela essa duplicidade semântica. Em (9) é também de notar o locativo *aqui*, que estabelece o universo da generalização, e o discurso direto, que indicia estar a ‘primeira pessoa factual’ na base da generalização. Em (10) vê-se

5 Cf. <http://www.cet-e-quinientos.com/autores>. Consultado em 23.03.2022

6 Cf. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4788>. Consultado em 23.03.2022

a transição de uma sequência descritiva para um comentário avaliativo/emotivo, com o pronome de primeira pessoa do singular (*eu* e pronome nulo). Esta dimensão avaliativa está frequentemente associada à presença de *uma pessoa*, *a pessoa* no discurso, como se referirá mais adiante. No exemplo (9), *a pessoa* parece referir estritamente a primeira pessoa (singular) e o locativo *aí* situa o ouvinte no espaço relevante, i.e., a oficina de carpintaria do locutor. Mas o dito popular *do bem vem tudo*, que conclui a sequência discursiva e se associa à passagem de *a pessoa* para *a gente*, mostra que o episódio relatado não fica fechado na autorreferência, mas deve ser tomado como ponto de partida para uma generalização.

- (7) E tinha de ficar mesmo preso, que **a gente** depois tinha de tirar acolá a estopa muito agarradinha. Para **pormos** o dedo, **uma pessoa** tinha que a governar para que ela saísse mesmo só aquilo necessário para fazer o fio. (CORDIAL-SIN: FIS17)
- (8) Chegam **aí**, coitados, à rasca. Pronto, **a pessoa** sempre os desenrasca. Olhe, até, por acaso, estive a acabar um serviço que é a carroça do Aleixo, que abalou há bocado havia de ser aí umas dez horas. E digo assim: Então o tipo, daqui a nada, vem ver do serrote e não está. Lá fui então ver, por causa dele, de ser agradável. Mas, é claro... Até porque é interessante: o homem nem tem carroça nem coisa nenhuma; ele nem é cá freguês. Mas só para lhe ser agradável... Enfim, **a gente** costuma-se a dizer: do bem vem tudo. (CORDIAL-SIN: AAL45)
- (9) **Nós aqui**, ao peixe branco, damos-lhe “cardumes de peixe branco”. É ou não é, Aires? Cardumes de peixe branco. E há outros cardumes doutros peixes. Mas esse peixe, já **uma pessoa** às vezes não o conhece. Não sabe de que peixe é, não é? Se **uma pessoa** visse a figura do peixe, já **uma pessoa** dizia: “Olha, pode ser a sardinha, pode ser carapau”, pode ser isso assim, não é? (CORDIAL-SIN: VPA30)
- (10) Há e há um bichinho na areia que **a gente** apanha na rede, uns bichinhos assim deste tamanhinho, que **a gente** trata aranhas. É que têm espinha aí pela cabecinha. Aquela espinha pretinha se **a gente** se trancar naquela espinha, e então se for no mês de maio,

é de **uma pessoa...** Grita todo o dia e toda a noite e tem que ir levar injeções ao hospital e a mão fica parece um pão de massa sovada. É uma coisa terrível. E coisa mais terrível como aquilo eu nunca vi! E já me tranquei muita vez, é dores que... (CORDIAL-SIN: TRC41)

O envolvimento emotivo do falante associado ao uso do indefinido *uma pessoa* está muito claro nos exemplos (11) e (12), extraídos do *Corpus África*. No exemplo (11) *uma pessoa* está em variação com *nós*, repetindo-se o pronome de primeira pessoa do plural seis vezes. A frase em que ocorre *uma pessoa* é um comentário em tom exclamativo à situação da ‘mulher trabalhadora’ como descrita por quem o produz. Em (12) o comentário que precede a frase com *uma pessoa*, e que esta suporta em termos argumentativos, torna clara a dimensão generalizadora de *uma pessoa*, mas fundada na experiência da ‘primeira pessoa factual’, a qual a frase sugere ter passado, talvez repetidamente, pela situação de ‘chegar ao hospital e desanimar-se’ com o que vê.

- (11) Eh, mulher trabalhadora é muito cansativo, é muito cansativo, porque **nós, nós mulheres** que somos, mães, chefe da casa, como quem diz, não é? E ainda temos que trabalhar. Já viu o que é **uma pessoa** antes de ir para o trabalho faz tanto tanto em casa, até quando chega ao trabalho, até já vai cansar, mas pronto, **nós** temos que trabalhar, não podemos deixar, mesmo com empregada **nós** temos que trabalhar, não podemos deixar tudo para para a empregada, e **nós** cansamos em várias ordens: é trabalhos em casa, como trazer as coisas para casa, pai, pronto, deu o xis, está aí, **nós** é que vamos comprar, **nós** é que vamos fazer (*Corpus África*: S. Tomé e Príncipe)
- (12) O governo, eu não sei, eu não sei, eu não sei explicar o que é que esse governo faz. **Uma pessoa** chega ao hospital e desanima-se logo, não quer voltar mais para aquele sítio. (*Corpus África*: Guiné)

As sequências discursivas analisadas no CORDIAL-SIN não mostram

apenas ligação entre os indefinidos *a pessoa, uma pessoa* e os pronomes de primeira pessoa do plural. A anáfora discursiva pode ligar entre si *uma pessoa* ou *a pessoa* e o pronome de primeira pessoa do singular (*eu* ou pronome nulo) como exemplificado em (13) a (16). A transição de *eu* para *uma pessoa*, *a pessoa* introduz a dimensão de autorreferência projetada/projetável, que pode estar acompanhada da componente avaliativa.

- (13) Ah, se **eu** fosse mais novo, ainda ia. Se tivesse menos dez anos (...). Mas **uma pessoa** também já tem... Depois, se amanhã **começo** a ser doente, ainda pior. (CORDIAL-SIN: AAL29)
- (14) **Eu**, às vezes, não me vem à ideia as coisas, nem a rela, nem este coiso aqui, que foi um castigo para **eu** me vir à ideia, pronto. Mesmo **eu** é raro andar aqui. Agora é que **eu** ando, que ele tem estado doente. Isto também não se faz, a bem dizer, nada. É só por dizer que **uma pessoa** está aqui, a bem dizer, **entretida** e ele sempre gostou disto. Pouco mais é que para a família. Vem aqui um leva uma manchita. (CORDIAL-SIN: EXB47)
- (15) Mas sempre **precisei** de trabalhar, que **eu** sou uma pessoa que saio muito, paro pouco tempo em casa. **A pessoa** é pobre, tem que se ganhar a vida. (CORDIAL-SIN: PIC27)
- (16) E **eu** comecei-lhe a dizer: “Olha, vamos aí apanhar um tomatinho à caixa”. **Eu** levanto-me melhor, mas **eu** não posso. E **eu** fui. Fui mais ele. **Eu** não ‘devera’ ter ido. (...) **Eu** fui. Olhe, fui deu-me isto. Uns calores muito grandes! E a gente só íamos de manhã um bocadinho! Mas os calores muito grandes! **Uma pessoa** já anda **cansada** de trabalhar, uma pessoa já não pode! **Fui-me** abaixo! (CORDIAL-SIN: STJ02)

O percurso pode fazer-se no sentido inverso, da autorreferência projetada para a autorreferência simples. No exemplo (16), acima, o pronome *eu*, várias vezes repetido, dá lugar a *uma pessoa*, a que se segue um sujeito nulo de primeira pessoa do singular. Nos exemplos (17) e (18), o último uma declaração recente do primeiro-ministro de Portugal, parte-se do distanciamento/generalização obtidos pelo uso de *a pessoa, uma pessoa* para o fechamento do foco referencial sobre a primeira pessoa denotada por *eu*.

- (17) E noutro tempo, não escapava nada. Aquilo era, desde que **a pessoa** pudesse, figos e cerejas. Ai **eu!** Ainda **leve!** algumas sovas!
(CORDIAL-SIN: AAL62)
- (18) Se **uma pessoa** é **primeiro-ministro** durante seis anos, se durante seis anos os portugueses têm a oportunidade de acompanhar e avaliar o trabalho, e se no fim de seis anos não dão confiança ao primeiro-ministro com uma vitória eleitoral, bom, isso é manifestamente um voto de desconfiança dos portugueses no primeiro-ministro e, então, aí **eu** tenho de tirar as devidas conclusões e demitir-me. (António Costa, entrevista à CNN Portugal em 26-12-2021)

Dada a sua orientação para a primeira pessoa, não é de estranhar que os indefinidos com *pessoa* ocorram com muita naturalidade em frases exclamativas, ou exclamações (“The speaker who makes an assertion wants to provide information and the speaker who utters an exclamation wants to express him/herself” (Castroviejo Miró 2008: 58)).

No corpus CORDIAL-SIN, na verdade, é normalmente *uma pessoa* (e não *a pessoa*) que vemos ocorrer nessas frases, como se ilustra em (19) a (22).⁷ O exemplo (22) é particularmente interessante porque nos mostra a única frase do corpus com *uma pessoa* e o verbo no pretérito perfeito (não havendo nenhuma ocorrência de *a pessoa* com pretérito perfeito). A componente genérica dos indefinidos *a pessoa*, *uma pessoa* faz com que normalmente não ocorram em frases episódicas, como observado por Posio (2017, 2021).

All occurrences of *a/uma pessoa* analyzed are either generic (i.e., not anchored to a specific point in time) or non-veridical, but not episodic; this is also typical of weakly grammaticalized impersonal pronouns, as the episodic uses tend to represent a later development”.

Posio (2021: §4.1)

⁷ O único exemplo de uma exclamativa com *a pessoa*, mostrado em (i), corresponde a uma configuração sintática que exige um sintagma determinante com *a*, excluindo *uma*.

(i) Este bicho também dizem que mata as pessoas, mas isto ainda não matou ninguém. (...) Ora lambar até fazer sangue! Quais é que é **a pessoa** que se deixa lambar até fazer sangue?! (CORDIAL-SIN: STJ53)

Em harmonia com esta observação, no CORDIAL-SIN *uma pessoa*, a *pessoa* ocorrem sobretudo em frases com o verbo no presente do indicativo (61 ocorrências) e no pretérito imperfeito do indicativo (50 ocorrências), perfazendo em conjunto 83% dos dados.⁸ O pretérito perfeito do exemplo (22) poderia assim surpreender. Mas a frase *Ora bem, uma pessoa foi pagar um dinheirão e não comeu nada!* não introduz informação nova, introduz sim um comentário avaliativo relativamente a uma situação conhecida (o relato sobre a boda e a má comida nela servida é bastante mais extenso que o recorte em (22)). O falante expressa a atitude de desagrado que qualquer pessoa nas mesmas circunstâncias presumivelmente exprimiria. O caráter exclamativo da frase torna natural a coocorrência entre o indefinido genérico *uma pessoa* e o pretérito perfeito simples.

- (19) **Eu**, o que **uma pessoa** trazia de corvinas! (CORDIAL-SIN: VPA49)
- (20) Depois assentei-me por pai dela; ela pediu-me para mim me assentar por pai dela e **eu** assentei-me por pai dela. Ah, asneiras que **uma pessoa** faz! (CORDIAL-SIN: MLD49)
- (21) Às tantas, ele vem e abala com a gaiata. E começo **eu** assim a dizer para a mulher: “Tu já ‘vistes’ isto? Anda **uma pessoa** a criar os filhos dos outros! (CORDIAL-SIN: CBV28)
- (22) **Eu** quando vi aquela carne e fui a prová-la, disse: “Não, não. **Eu** não quero! Comi lá um bacalhauzito, mas aquilo nem prestou! E **eu** disse: “Ora, que é que vale **uma pessoa** vir para uma boda”?! Dá-lhe aí dez contos, ou sete ou oito contos... Que cá, cá usam! Quando é assim uma boda, a gente hoje aos noivos, dá-lhe sete ou oito ou dez contos, ou quinze, ou lá o que calha. Ora bem, **uma pessoa** foi pagar um dinheirão e não comeu nada! (CORDIAL-SIN: COV14)

Nos dados apresentados até agora os indefinidos *a pessoa*, *uma pessoa* ocorrem com a função gramatical de sujeito. No entanto, podem também desempenhar outras funções gramaticais e, nesse caso, torna-se

⁸ Registam-se também o infinitivo (16 ocorrências), o imperfeito do conjuntivo (3 ocorrências), o futuro do conjuntivo (1 ocorrência), o presente do conjuntivo (1 ocorrência) e o pretérito perfeito (1 ocorrência), totalizando 134 ocorrências, divididas entre 58 a *pessoa* e 76 *uma pessoa*.

clara a interpretação de primeira pessoa mesmo na ausência de anáfora ou outro tipo de ingrediente discursivo propiciador dessa interpretação. Nos exemplos (23a-b), *uma pessoa* tem a função de genitivo e a sua interpretação de primeira pessoa deixa em aberto a possibilidade de uma leitura singular ('minha') ou plural ('nossa'); no exemplo (24), *uma pessoa* tem a função de acusativo e interpreta-se como primeira pessoa e plural; a mesma interpretação têm os exemplos (25a-c), nos quais os indefinidos *uma pessoa, a pessoa* têm a função de dativo.

- (23) a. Foi uma aflição. Mas à conta de Deus está aqui, coitadinha, já é uma amiguinha **duma pessoa** [= 'uma amiguinha minha/nossa', dito pela mãe da criança] (CORDIAL-SIN: PIC27)
 b. dos tais cobertores que eu dizia que punham às costas **duma pessoa** [= 'às minhas/nossas costas', dito por alguém que experimentou nas suas costas o peso dos antigos cobertores tecidos com lã pura] (CORDIAL-SIN: LAR11)
- (24) O anequim despedaça **uma pessoa** [= despedaça-nos']. Se a gente apanha um anequim, que ele possa apanhar a gente, eu despedaço-o todo. Ele esfaqueia **uma pessoa** [= 'esfaqueia-nos] o anequim. (CORDIAL-SIN: ALV21)
- (25) a. E eu mesmo não tomava. Porque você sabe, aquilo se evita aquilo, faz também mal muito **a uma pessoa** [= 'faz-nos também muito mal'] (CORDIAL-SIN: CLH18)
 b. Oi! Uma melga? Jesus! *Agarrando-se* à pessoa [= 'agarrando-se-nos'] é terrível. (CORDIAL-SIN: ALC39)
 c. O peixe não faz mal à pessoa [= 'não nos faz mal'] (CORDIAL-SIN: ALV30)

Por fim, entre os indicadores linguísticos da orientação para a primeira pessoa dos indefinidos *a pessoa, uma pessoa*, cabe fazer referência à concordância com predicados não verbais. O nome *pessoa* é morfológicamente feminino e semanticamente subespecificado quanto ao género. Os dados do CORDIAL-SIN mostram-nos que, nas configurações sintáticas relevantes, a concordância morfológica raramente se sobrepõe à concordância semântica, determinada pelo género do falante. Assim,

os indefinidos *a peessoa*, *uma peessoa* comportam-se neste aspeto, maioritariamente, como os pronomes de primeira pessoa, *eu* e *nós*, ainda que ao contrário destes pronomes possuam especificação morfológica de género.⁹ Isto está ilustrado pelas frases em (26) a (29) – cf. acima os exemplos (14), (16) e (18) – que mostram como a concordância com nomes, adjetivos e participios passados é determinada pelo género feminino ou masculino de quem produz as frases. A exceção é a frase produzida por um dos homens do diálogo em (29), o que motiva a pequena provocação de um dos seus amigos. Neste caso, a opção pela concordância morfológica pode ser, talvez, uma forma de acentuar a componente dissociativa da autorreferência (cf. (33a) abaixo). Por fim, note-se que a concordância semântica pode fazer-se no singular ou no plural, embora esta última opção tenha apenas uma ocorrência no corpus, i.e. (28).

- (26) a. **A peessoa** vivia **isolada**. [dito por uma mulher] (CORDIAL-SIN: CDR47)
b. **Uma peessoa** que amolava palha uma tarde inteira, principalmente o junco que era duro, era rijo, acabava **cansada** e acabava a transpirar. [dito por uma mulher] (CORDIAL-SIN: CDR08)
- (27) a. **Uma peessoa** vê-se **perdido** quando é para arrancar a cortiça. [dito por um homem] (CORDIAL-SIN: MTV63)
b. E a comer uma laranja daquelas minhas, **uma peessoa** fica **abarrotado**. [dito por um homem] (CORDIAL-SIN: MTV48)
- (28) Quando **uma peessoa** é **moços**... [dito por um homem] (CORDIAL-SIN: AJT23)
- (29) INF2 A tábua está toda carunchosa.
INF1 É, exatamente.
INF3 E **uma peessoa** quando está **velha** também está **carunchosa**.
[dito por um homem]
INF2 Fica **carunchoso** como si. [dito por um homem] (CORDIAL-SIN: MIG39)

9 Sobre a concordância do pronome *a gente* com predicados não verbais, veja-se Costa e Pereira (2013).

Na frase (30), dita por um homem, vemos a concordância no masculino a ser estabelecida entre o indefinido *uma pessoa* e o clítico acusativo *o*.

- (30) Apareceu aí uma coisa de droga que **eu** até fico **parvo**. Como é que **uma pessoa** vai tomar uma coisa que **o** prejudica?! (...) Como é que **uma pessoa** vai agora fumar uma coisa duma droga, uma coisa que **o** prejudica?! (CORDIAL-SIN: AJT15)

Dados paralelos aos do CORDIAL-SIN, relativamente à concordância com predicados não verbais, registam-se no *Corpus África*, onde só ocasionalmente a concordância é determinada pelo género morfológico do nome *pessoa*, como em (33a).

- (31) a. **a pessoa** quando vê a vida de hoje fica **preocupada** (*Corpus África*: Moçambique)
b. **a pessoa** só fica **satisfeito** depois de chegar ao destino (*Corpus África*: Moçambique)
- (32) a. porque às vezes **uma pessoa** fica **grávida** dentro a casa dos pais e tem o medo de ficar com aquele gravidez... (*Corpus África*: Guiné)
b. **a pessoa** cá do centro da Guiné-Bissau estão mais **informado** sobre o que é que quer dizer a sida. (*Corpus África*: Guiné)
- (33) a. às vezes **a pessoa** fica **zangada** de ver a namorada a dançar com as outras pessoas. (*Corpus África*: Angola)
b. E prontos **a pessoa** que dorme muito, **preguiçoso**, não vai à luta, não vai à procura do pão, não, não pode ter as coisas. (*Corpus África*: Angola)

3. Diferenças de adequação contextual entre *a pessoa* e *uma pessoa*

À primeira vista, os indefinidos *a pessoa* e *uma pessoa* são apenas variantes morfológicas semanticamente indistintas. Nesse sentido se pronuncia Posio (2017, 2021), que considera que a flexibilidade interpretativa permitida por estas expressões nominais é determinada pelo contexto discursivo, sem que

qualquer propriedade intrínseca distinga uma da outra.

In conclusion, the qualitative analysis of the occurrences of *a/uma pessoa* suggests that the referential scope of both *uma pessoa* and *a pessoa* can be oriented towards the speaker or a third person (...), and the scope of reference is only deducible from contextual clues like the presence of a first-person singular in the immediate context (...) or a contrast established between *pessoa* and first-person singular (...) or plural (...). In other words, *a/uma pessoa* can be characterized as referentially underspecified or having “open” or “arbitrary” reference that can be specified locally based on inferences made by the interlocutors.

Posio (2021: §3.2)

As the analysis presented in Section 3 shows, the noun phrases *uma pessoa* and *a pessoa* are used in EP spoken discourse as a referential device with variable referential range: depending on contextual clues, they can receive generic and speaker-oriented, but also speaker-exclusive, third-person oriented uses. Such referential flexibility is not uncommon in the early stages of grammaticalization of referential devices such as (im)personal pronouns”

Posio (2021: §4.1)

De facto, a ocorrência em contextos sintático-discursivos idênticos de *a pessoa* e *uma pessoa*, como em (34), ou até em ligação anafórica, como em (35) sugere variação livre e indistinção semântica.

- (34) a. O leite fervido com o alho também se usava muito quando **a pessoa** tinha tosse, que era um bocado esquisito de beber. (CORDIAL-SIN: CDR46)
- b. Quando **uma pessoa** tinha doença: “Olha, vai fazer-se-lhe um caldinho de nabos, que aquele amargozinho pode ser que lhe abra o apetite”. (CORDIAL-SIN: CDR48)
- (35) porque **uma pessoa** fazer aborto clandestino, ah, pode aparecer a perfuração do útero, que **a pessoa** pode ficar estéril o resto da vida (Corpus África: Guiné)

Mas tal conclusão choca com as minhas intuições de falante nativa do português europeu. Como referido na secção 1, Moltmann (2010) distingue os casos em que o falante generaliza a partir da sua própria experiência (*inference from the actual first person*) daqueles em que o falante adota a perspetiva/se põe na pele de, se identifica com ou se projeta em outros indivíduos (*inference from the simulating first person*). Ora, se tomarmos frases do CORDIAL-SIN que claramente excluem o primeiro caso e testarmos a substituição do item *a pessoa* que nelas ocorre por *uma pessoa*, o resultado é, no meu juízo, inadequado porque *uma pessoa* permite apenas a leitura de indefinido específico, i.e. ‘uma determinada pessoa’, perdendo-se a interpretação arbitrária que o contexto discursivo exige. Portanto, *pessoa* e *uma pessoa* não estão sempre em variação livre, como indica a impossibilidade de substituição de *a pessoa* por *uma pessoa* nos exemplos (36) a (38).

- (36) Duas varas, ele é uma manta. Mas há pessoas, como as camas agora são maiores, (...), elas pedem-me que querem com mais medida. Eu faço da maneira que **a pessoa** [vs. **#uma pessoa**] quer. (CORDIAL-SIN: MIG 54)
- (37) Quando assim, mesmo que eu queira falar o francês, eu tenho dificuldade em mist, faço sempre uma mistura em, com o alemão e o francês. Mas eu entendo perfeitamente aquilo que **a pessoa** [vs. **#uma pessoa**] quer dizer, mas para dialogar eu sempre misturo o francês e o alemão e tem sido a minha dificuldade (*Corpus África*, S. Tomé e Príncipe)
- (38) Se é cão de guarda, a gente quer é que lhe arrumem. Agora se for para **a pessoa** [vs. **#uma pessoa**] ser humilde que venham a falar com a *pessoa*, pois *uma pessoa* chama por o cão: “Vem cá. Vem cá. Anda cá para aqui. Deixa lá. Então, que é que queres?” (CORDIAL-SIN: OUT45)

Coloco então a hipótese de que *uma pessoa* tenha sempre leitura inclusiva (correspondendo aos casos em que o falante generaliza/inferre a partir da sua própria experiência), enquanto *pessoa* admite tanto leitura inclusiva (cf. acima, por exemplo, (8), (18) e (26a)) como leitura exclusiva.

A possibilidade da interpretação exclusiva é compatível com a abordagem de Moltmann (2010), na medida em que:

The first-person connection of generic *one* does not necessarily consist in an ascription of the predicate to the speaker's own person. With generic *one*, rather, the speaker may just project himself onto others or in fact simulate entirely counterfactual conditions.

Moltmann (2010: 441)

Os dados do CORDIAL-SIN parecem suportar esta hipótese pois só a *pessoa* ocorre no corpus com interpretação claramente exclusiva. Aliás, na sequência discursiva em (38) coocorrem *a pessoa* e *uma pessoa* para designar em termos genéricos os dois atores em cena. O falante assume o papel de dono do cão, o qual começa por ser referido por *a pessoa* para logo depois ser designado por *uma pessoa*. Quem se aproxima da propriedade protegida pelo cão é designado por *a pessoa*, sendo essa a única opção aceitável. No exemplo (39) abaixo temos um outro caso claro de interpretação exclusiva de *a pessoa*, interpretação fixada pelo contexto discursivo, o que, de novo, tornaria a substituição de *a pessoa* por *uma pessoa* não aceitável. O que é interessante neste exemplo é que se isolarmos a frase em que ocorre *a pessoa* do contexto discursivo, a substituição por *uma pessoa* torna-se possível mas, crucialmente, a interpretação passa a ser inclusiva (“E, é claro, e a gente, por exemplo, tinha um cantarinho maior, pronto, para **uma pessoa** ficar um bocadinho melhor e levar a medida abonada”).

- (39) Às vezes, havia pessoas que a gente tinha que dar o leite de pastos. Ainda agora há, vá. Ainda agora há lugares que alugam as propriedades, em vez de se lhe dar dinheiro, dá-se-lhe um cântaro de leite, ou dois. Antes querem do que ao dinheiro. E, é claro, e a gente, por exemplo, tinha um cantarinho maior, pronto, para **a pessoa** ficar um bocadinho melhor e levar a medida abonada, não é? (CORDIAL-SIN: LAR13)

Também são reveladoras da interpretação exclusiva de *a pessoa* as frases (40a-b), nas quais o indefinido *a pessoa* é o antecedente do pronome nominativo de terceira pessoa *ela*.

- (40) a. Afinal **a pessoa** só põe o gado lá, no fim do mês paga. **Ela** paga sempre adiantado. (CORDIAL-SIN: CDR03)
 b. E eles habituum-se, ficam já habituados. Depois quando vêem **a pessoa**, vão sempre ter com **ela**. É como um cão. (...) Uma ovelha é como um cão, tal e qual (CORDIAL-SIN: GRJ59)

Um problema para a hipótese de que *uma pessoa* é sempre inclusivo surge, no entanto, com a frase (41), onde encontramos *uma pessoa* como antecedente do pronome *ela*. Poderíamos pensar numa reformulação do tópico discursivo, como em (42), mas isso deixaria o pronome *ela* sem antecedente. Talvez o falante tenha iniciado a frase com o intuito de estabelecer um contraste entre os humanos (ou melhor, ‘as pessoas normais’ como ele próprio) e as ovelhas e tenha reconfigurado o discurso para pôr em paralelo as ovelhas e os humanos insensatos que se comportam como elas, o que culmina na conclusão exclamativa “Oh! Tu estás como as ovelhas: tu procuras contra o tempo”!

- (41) **Uma pessoa**, às vezes, o tempo está norte, não é, e o norte, **ela**, de cima, fica abrigada rente a uma barreira, não é verdade? Mas a ovelha, às vezes, procurava contra e a gente diziam assim: “Oh! Tu estás como as ovelhas: tu procuras contra o tempo”! (CORDIAL-SIN: MIG58)
 (42) **Os meus pais**, quando **uma pessoa** ia, quando **ia-se** áqueles barcos de belgas buscar o peixe, **trazíamos** muito disso. (CORDIAL-SIN: VPA55)

Por outro lado, é possível que exista variação idioletal no que diz respeito à (im)possibilidade de interpretação exclusiva de *uma pessoa*.¹⁰

¹⁰ Posio (2021) apresenta como contra-argumento à hipótese de que *uma pessoa* tenha sempre interpretação inclusiva a frase em (i), extraída do seu corpus de entrevistas sociolinguísticas realizadas na cidade do Porto em 2014. Mas, na frase relevante, o facto de uma mulher do Porto comentar criticamente o modo de falar do Porto não implica que esteja necessariamente a excluir-se do universo coberto por *uma pessoa*. A presença do advérbio *também* na

Malamud (2012) regista precisamente este tipo de situação relativamente à interpretação exclusiva/inclusiva do indefinido *man* no alemão:

Several of my informants only have speaker exclusive *man* (Exclusive-only Dialect). Many others restrict the use of inclusive *man* to non-episodic contexts (Generic Inclusive Dialect). A few of my informants allow inclusive *man* in both generic and episodic sentences, without any consistent distributional restrictions (Unrestricted Dialect). Finally, Kratzer (1997) reports on a dialect (which one of my informants may be a speaker of) in which non nominative forms of *man* (accusative and dative forms *einen* and *einem*) disallow speaker-exclusive readings.¹¹

Malamud (2012: 11)

Deixando em aberto a questão da possível variação idioletal, aponto agora alguns contrastes entre a *pessoa* e *uma pessoa* que são claros nos meus juízos e que poderão decorrer da necessária interpretação exclusiva de *uma pessoa*, pelo menos no meu idioleto. Nas frases de (43) temos um contexto de obviação, com o verbo *querer* a selecionar uma oração completiva de conjuntivo. Quando o sujeito da oração principal é o pronome pessoal de terceira pessoa *eles*, tanto a *pessoa* como *uma pessoa* podem, na posição de sujeito da completiva, satisfazer o requisito de obviação, i.e., de disjunção referencial entre os dois sujeitos. No entanto, quando o sujeito da matriz é o pronome pessoal de primeira pessoa *nós*, só a *pessoa* pode ocorrer como sujeito da encaixada, satisfazendo o requisito de obviação. A agramaticalidade de *uma pessoa* neste contexto pode explicar-se pela necessária interpretação inclusiva de *uma pessoa*, o que determina que a condição de referência disjunta relativamente a *nós* não seja satisfeita. Só a interpretação de *uma pessoa* como indefinido específico (i.e., ‘uma certa

coordenada adversativa que se segue parece sugerir o contrário.

(i) *fica mal eu admito h: fica muito mal uma pessoa ouvir-nos (.) mas lá, para Lisboa também não gosto.*

À primeira vista, *uma pessoa* parece ter uma interpretação exclusiva no exemplo (ii). A afirmação é do deputado do PS Pedro Delgado Alves, no programa televisivo de comentário político *Linhas Vermelhas* e é uma reação crítica ao discurso do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, na tomada de posse do XXII Governo Constitucional. Mas, embora o Presidente da República, antigo comentador televisivo, esteja obviamente incluído no âmbito referencial de *uma pessoa* (e o foco incida sobre ele), Pedro Delgado Alves também é um comentador e pode, portanto, generalizar a partir da sua própria experiência.

(ii) *Uma pessoa* pode deixar de ser comentador, mas fica agarrado à pele (Pedro Delgado Alves, *Linhas Vermelhas*, 31-03-2022).

11 Veja-se o que se disse acima sobre as formas de genitivo, acusativo e dativo (exemplos (23) a (25)).

‘pessoa’) possibilitaria que ocorresse como sujeito encaixado em (43b).

- (43) a. Neste hospital, **eles** querem que **a pessoa/uma pessoa** ande sempre de máscara.
b. Neste hospital, **nós** queremos que **a pessoa/*uma pessoa** ande sempre de máscara. [* na interpretação relevante]

Em (44) a (48) ilustra-se, com diversos contextos sintáticos, como a ligação anafórica entre *a pessoa* e um pronome pessoal de terceira pessoa, não reflexivo, é sempre possível, em contraste com *uma pessoa*, que por sua vez se liga sem problemas a um pronome pessoal de primeira pessoa do plural (realizado ou nulo), como em (44) e (45), com o pronome pessoal a preceder, numa oração adverbial anteposta, o sujeito matriz *uma pessoa/a pessoa*. A interpretação variável de *a pessoa*, inclusiva ou exclusiva, comparativamente à interpretação sempre inclusiva de *uma pessoa* poderá explicar o diferente comportamento dos dois indefinidos em contextos de ligação anafórica e em contextos de obviação.¹²

- (44) a. Quando **nos** pedem com jeito, **a pessoa/uma pessoa** diz que sim.
b. Quando **lhe** pedem com jeito, **a pessoa/*uma pessoa** diz que sim.
c. Quando **lhe** respondemos bem, **a pessoa/*uma pessoa** agradece.
- (45) a. Quando *encontramos/se encontra* um vizinho, **a pessoa/uma pessoa** cumprimenta-o.
b. Quando *encontra* um vizinho, **a pessoa/*uma pessoa** cumprimenta-o.
- (46) a. **A pessoa/uma pessoa** reconhece sempre o **seu** cão.
b. **A pessoa/*uma pessoa** reconhece sempre o cão **dela**.
- (47) a. **A pessoa/uma pessoa** vê uma cobra atrás de **si** e assusta-se.
b. **A pessoa/*uma pessoa** vê uma cobra atrás **dela** e assusta-se.
- (48) a. **A pessoa/uma pessoa** não tem confiança em si.

¹² Nas frases (44) a (48), *uma pessoa* não é uma opção gramatical na interpretação relevante, mas sê-lo-ia como indefinido específico ('uma certa pessoa').

b. ***A pessoa***/****uma pessoa*** não tem confiança ***nela***.

Um outro contexto que parece excluir *uma pessoa* (ou onde esta opção é no mínimo menos natural/aceitável do que *a pessoa*) é o de estruturas condicionais, com o verbo no indicativo, como as exemplificadas nas alíneas (a-b) dos exemplos (49) a (51), apresentando-se na alínea (c) as frases de Moltmann (2010) traduzidas em (a-b).

- (49) a. Se ***a pessoa*** é nova, ***a pessoa*** tem imensa energia.
b. *? Se ***uma pessoa*** é nova, ***uma pessoa*** tem imensa energia.
c. If *one* is young, one has lots of energy.
- (50) a. Se ***a pessoa*** tem de fazer um exame, ***a pessoa*** fica nervosa.
b. *? Se ***uma pessoa*** tem de fazer um exame, ***uma pessoa*** fica nervosa.
c. If *one* has to take an exam, one gets nervous.
- (51) a. Se ***a pessoa*** tem nariz, ***a pessoa*** pode cheirar.
b. *Se ***uma pessoa*** tem nariz, ***uma pessoa*** pode cheirar.
c. If *one* has a nose, one can smell.

Moltmann (2010) discute a semântica do pronome genérico *one* neste tipo de condicionais depois de observar que nelas *one* pode ocorrer, tanto no antecedente como no conseqüente, com predicados que, em geral, são pouco compatíveis com a semântica de *one*.¹³ Moltmann propõe que as condicionais no indicativo com *one* são uma instância particular da ‘estratégia 1’ (cf. secção 2, acima) sendo o elevado grau de dissociação envolvido na autorreferência o que as particulariza.

Why is generic *one* possible in conditionals without imposing any semantic restrictions on the predicate? This follows simply from the analysis of conditional generic-*one* sentences below and the fact that the identification relation ‘I’ allows for complete detachment from one’s own actual person:

13 Moltmann (2010: 446) dá como exemplo de restrições semânticas relativamente aos predicados com que *one* pode ocorrer as frases em (i) e (ii), entre outras. Mas a autora observa que as frases se tornam aceitáveis “under special circumstances”.

(i) ??One has a nose.
(ii) ??One was nervous.

(48) $\text{Gn } x (P(\text{qua}(x, \lambda z[\text{I}yz]) \rightarrow Q(\text{qua}(x, \lambda z[\text{I}yz])))$

(48) says that for any x , if P were to hold of x on the basis of the agent y identifying with x , then Q would hold of x on the basis of the agent y identifying with x .

Moltmann (2010: 463)

The semantics of conditional generic-*one* sentences in (48) implies a very simple way of verifying such sentences in a first-personal way: conditionals with generic *one* can be verified just on the basis of the agent himself pretending to have the antecedent property (abstracting from all of his actual properties) and then seeing whether he, under pretence, would also have the consequent property. No other individuals in fact need to be involved for the verification of an indicative conditional with generic *one*.

Moltmann (2010: 463-64)

Conditionals with generic *one* express a generalization on the basis of the first person, with the first person being used for a generalizing inference rather than providing an experience or action from which the generalization is made. With generic-*one* sentences, the agent pretends to meet the condition expressed by the antecedent and then sees whether he also meets the condition expressed by the consequent. What is crucial for the use of *one* in conditionals is the recognition that an inference involving the agent himself is generalizable, rather than the recognition that a particular kind of experience or action is generalizable.

Moltmann (2010: 465)

Adotando a análise de Moltmann (2010), podemos admitir que a flexibilidade referencial de *a pessoa*, admitindo tanto interpretação inclusiva como exclusiva, torna este indefinido genérico a opção preferencial nos contextos de inferência a partir de uma primeira pessoa simulada (*inference from the simulating first person*), enquanto *uma pessoa*, tendo interpretação apenas inclusiva, é particularmente adequado nos contextos em que situações efetivamente experienciadas pela primeira pessoa são a base da inferência generalizadora (*inference from the actual first person*).¹⁴

¹⁴ Nas condicionais com apagamento do *se* condicional, o contraste entre a adequação de *a pessoa* e a inadequação de *uma pessoa* torna-se ainda mais marcado, como se exemplifica em (i) a (iii):

(i) a. Se a pessoa anda cansada, a pessoa deve dormir mais.

Para concluir esta secção, consideremos um dado colhido recentemente na imprensa escrita. Foi notícia que o ator francês Alain Delon decidiu pôr termo à vida recorrendo à eutanásia. Na imprensa francesa é citada a afirmação em (52), proferida durante uma entrevista concedida a um canal de televisão francês. Na imprensa escrita portuguesa, a frase de Alain Delon apareceu traduzida como se mostra em (53). O facto sugestivo é a tradução do francês *la personne* (literalmente, *a pessoa*) por *uma pessoa*, embora a alternativa literal fosse perfeitamente possível. A opção por *uma pessoa* torna, no entanto, mais saliente a vinculação factual à primeira pessoa (no caso, o ator Alain Delon fora da representação) como base para a generalização.

(52) À un moment donné, **la personne** a le droit de partir en paix, sans passer par les hôpitaux, les injections, etc.

<https://www.infobae.com/fr/2022/03/19/alain-delon-a-demande-a-son-fils-de-preparer-son-euthanasie-cest-la-chose-la-plus-logique-et-naturelle-a-faire/>

(53) a partir de uma certa idade, **uma pessoa** tem o direito de sair tranquilamente, sem passar por hospitais, injeções e o resto...

<https://expresso.pt/cultura/2022-03-19-Actor-Alain-Delon-quer-ser-eutanasiado-bffa4915>

4. A distribuição geográfica de *a pessoa*, *uma pessoa* e outros nomes humanos referencialmente vagos no território português

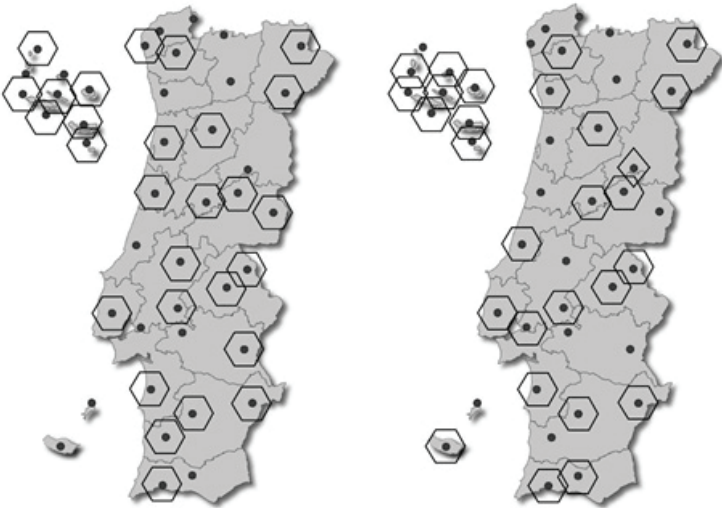
No *Corpus África* (oral) o número de ocorrências de *a pessoa* (91) é muito superior ao número de ocorrências de *uma pessoa* (14).¹⁵ No corpus

b. *A pessoa* anda cansada, *a pessoa* deve dormir mais.
c. **Uma pessoa* anda cansada, *uma pessoa* deve dormir mais.
(ii) a. Antigamente era assim: *a pessoa* falava várias línguas, *a pessoa* estava empregada. (cf. Carvalho 2019)
b. Antigamente era assim: **uma pessoa* falava várias línguas, *uma pessoa* estava empregada.
(iii) a. *A pessoa* quer, *a pessoa* faz.
b. **Uma pessoa* quer, *uma pessoa* faz.

¹⁵ A distribuição por países é a seguinte: Angola (6 *a pessoa*; 0 *uma pessoa*); Moçambique (28 *a pessoa*; 3 *uma pessoa*); Guiné (22 *a pessoa*; 9 *uma pessoa*); Cabo Verde (9 *a pessoa*; 1 *uma pessoa*); São Tomé e Príncipe (26 *a pessoa*; 1 *uma pessoa*). Ainda que sem registo nos dados de oralidade, há ocorrências de *uma pessoa* no subcorpus

CORDIAL-SIN, a distribuição quantitativa é equilibrada, com 58 ocorrências de *a pessoa* e 76 de *uma pessoa*. Nesta secção, centrando-nos nos dados do CORDIAL-SIN, observaremos a sua distribuição geográfica no território português e de seguida a distribuição geográfica de outras expressões com nomes humanos semanticamente afins de *a pessoa*, *uma pessoa* (veja-se no anexo final a identificação dos pontos da rede do CORDIAL-SIN).

FIGURA 1 – *uma pessoa* / FIGURA 2 – *a pessoa*



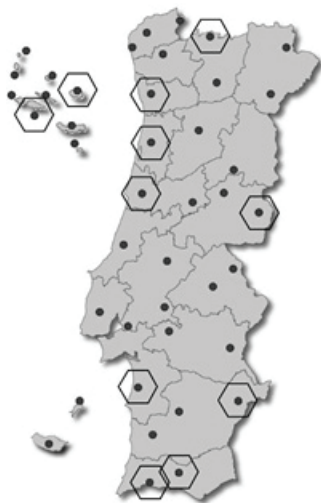
Como mostram as figuras 1 e 2, os indefinidos *uma pessoa*, *a pessoa* estão presentes em todo o território português (continental e insular). As descoincidências entre os dois mapas devem-se muito provavelmente à pequena dimensão do corpus (cerca de 600.000 palavras) visto que não se concentram em nenhuma área dialetal particular, antes apresentando um padrão espacial disperso. A única localidade do CORDIAL-SIN em que poderemos supor que a ausência de *a pessoa* não seja casual é Vila Praia de Âncora (ponto 1 VPA; Minho litoral), tendo em conta que o informante

de língua escrita de Angola, mas concentradas numa obra de Ondjaki.

Na base do *Corpus África* (constituído por cinco subcorpora com cerca de 640.000 palavras cada um) estão maioritariamente fontes escritas, correspondendo a parte oral a apenas 4% do corpus total.

produz 26 vezes o indefinido *uma pessoa* (19,4% do número total de ocorrência dos indefinidos com *pessoa* no corpus) sem nunca produzir *a pessoa*.¹⁶

FIGURA 3 – *um homem, o homem*



É comum pensar-se que o valor indefinido de *homem* registado nos textos medievais se teria perdido na língua portuguesa a partir do século XVI (cf. Pinto 2019, 2021), enquanto noutras línguas românicas a gramaticalização plena do nome originou um pronome indefinido, como se vê, por exemplo, no francês *on* que nasceu e se independentizou a partir do nome *homme*. Os dados do CORDIAL-SIN mostram-nos, no entanto, um uso indefinido de *um homem, o homem*, paralelo ao de *uma pessoa, a pessoa*, revelando que essa possibilidade não se perdeu totalmente.¹⁷ O padrão geolinguístico observável na figura 3 indica, por um lado, que o uso indefinido de *homem* é possível em todas as áreas dialetais do português europeu (dialetos setentrionais, centro-meridionais e insulares) e, por outro,

16 Na figura 2, o losango, em lugar de hexágono, no ponto 14 (Figueiró da Serra), indica que nesta localidade se regista o indefinido *a pessoa*, mas não na posição de sujeito.

17 Não quer isto dizer que tenhamos nos dados dialetais uma continuação direta do português antigo. Na verdade, o indefinido *homem* não aparece no mesmo tipo de construções, quando comparamos os dois períodos históricos, e nos textos medievais o nome *homem* ocorre sempre 'nu', ou seja, sem um determinante a precedê-lo (cf. Pinto 2019, 2021).

que a produtividade desse uso é muito mais baixa do que a de *uma pessoa*, a *pessoa*; daí que a partir de um pequeno corpus obtenhamos um mapa com tantas lacunas (i.e. pontos sem atestações). As pouco mais de uma dezena de ocorrências de *um/o homem* com a interpretação relevante no CORDIAL-SIN estão ilustradas em (54) a (59) – a variante *o homem* não se regista na posição de sujeito.

- (54) **Um homem** em tendo setenta e quatro anos, ou próximo dos setenta e cinco, já não há nada que não lhe chegue. (CORDIAL-SIN: AAL59)
- (55) Aqui o salva-vidas era bom era se eles pusessem um motor de quinze cavalos. Pois já socorriam **um homem**. (CORDIAL-SIN: ALV37)
- (56) **Um homem** parte assim um míscaro, é branquinho. (CORDIAL-SIN: STA14)
- (57) Que a gente para fazer um cesto bem feito... **Um homem** para fazer um cesto bem feito tem que fazer quatro cestos por dia – bem feitos! Eles apertam e eu, às vezes, faço... Já cheguei a fazer oito. [INF2 Mas mal] Mas mal feitos, sim. E ele para ganhar o meu dia, que eles não querem dar mais que cinquenta escudos a **um homem** por fazer um cesto... (CORDIAL-SIN: PIC02)
- (58) A vaca volta outra vez ao normal, não é? (...) Já se prendia e soltava-se. Mas às vezes para **um homem** a prender!... Porque a gente depois de ela estar umas horas com o vitelo, tornava-se a prender, não é? (CORDIAL-SIN: MTM09)
- (59) Há o marracho. Esse é bom, mas é ruim. É mau, mas a gente mata, não faz mal ao barco. Porque ele se apanhar **um homem** na água, come-lhe inteiro, mas não faz mal ao barco. A gente também apanha muitos deles. (CORDIAL-SIN: TRC40)

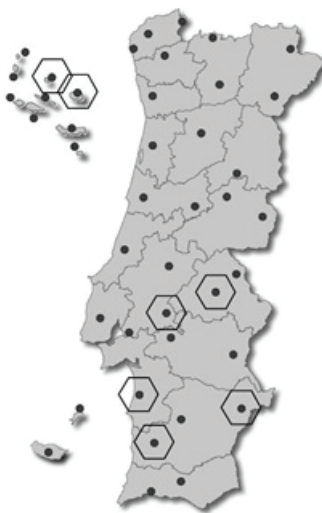
O paralelismo entre *um/o homem* e *uma/a pessoa* vê-se confirmado por exemplos como (60) e (61) nos quais observamos variação entre as opções *homem* e *pessoa* – o exemplo (60) corresponde à continuação de (24) acima, que mostra duas ocorrências de *uma pessoa* como objeto direto. As frases (54) a (61) foram todas produzidas por homens e parte delas envolve

generalizações a partir de situações tipicamente de universos masculinos. Aparentemente, *peessoa* tem sobre *homem* a vantagem da subespecificação semântica de género e talvez isso explique o seu sucesso na competição com outros nomes humanos para a expressão da autorreferência projetada.

(60) Agora a tintureira, se **uma peessoa** vai tomar banho, que esteja e não tenha calções, a tintureira ataca **o homem**. Sobee às partes. Vai logo direita às partes **do homem**. Mata **o homem**. É preciso conta. Aqui ao rés da terra, não. Mas, às vezes, **uma peessoa** joga-se ao mar... Não calha a ver mas, às vezes, aparece uma tintureira, a tintureira não tem medo **do homem**. Ataca **o homem**. A tintureira é o inimigo **do homem**. (CORDIAL-SIN: ALV21)

(61) Eu fui logo assim: “O teu pai não presta. **Um homem** tem uma palavra, tem uma palavra! Está dada, está dada! **Uma peessoa** antes de dizer... pensa-se. Agora tu... Mas tu fazes é o que tu quiseres”. (CORDIAL-SIN: COV13)

FIGURA 4 – *um fulano, o fulano, fulano, fulana*



Um outro nome humano referencialmente vago atestado no CORDIAL-SIN como expressão linguística da autorreferência projetada é *fulano*, que aparece tanto precedido dos determinantes *um/o* como sem determinante.

Além disso, oferece-nos uma das raras ocorrências de um nome feminino (gramatical e semanticamente) com idêntica interpretação. A par de *fulano* (exemplos (62) a (66)) temos, pois, *fulana* (exemplo (67)). Todas as frases, incluindo a que contém o nome nu *fulana*, são proferidas por homens. No exemplo (62) vemos o *fulano* em variação com *uma pessoa* e em (63) *um fulano* em variação com *um homem*.

Como mostra a figura 4, surgem agora áreas geolinguísticas bem delimitadas, apesar do pequeno número de ocorrências. As expressões indefinidas com *fulano/fulana* ocorrem nos dialetos meridionais e açorianos.

- (62) Às vezes nuns barrancos, nuns lugares às vezes manhosos, **uma pessoa** carregava sacas... às vezes tinha que levar sacas meias e acabá-las de encher lá, mas já era sempre mais chato. Porque **o fulano** se o ensacasse ali e depois o enjoínasse – chamava-lhe a gente aquilo enjoinar (...) – ficava ali que podia-se lidar com aquilo, dar ali as voltas que desse, que não caía ali nem um bago. (CORDIAL-SIN: MLD47)
- (63) [INQ E sabe?... Mas não sabe falar alemão?] Oh, isso alemão, isso não é nada. Isso **um homem**, mais ou menos, ajeita-se é lidando com eles. **Um fulano** apanha aquela ..., mais ou menos, aquelas palavras. Mas dito! Agora, por ideias, como eles, **um homem** não é capaz. (CORDIAL-SIN: SRP21)
- (64) E, às vezes, há coisas que **o fulano** pode ver mas em não fazendo, não sabe parte das vezes. (CORDIAL-SIN: SRP20)
- (65) Já está cá que **o fulano** sentado faz trabalho! Mas é como se faz lá, a senhora está a perceber? Mas a gente parecia-lhe aquilo mal, aquela conversa! Mas já está cá tudo, essas coisas! (CORDIAL-SIN: TRC6)
- (66) Aquele bagaço, **fulano** se tem onde o conserve, dá aguardente que é uma prenda! (CORDIAL-SIN: GRC20)
- (67) Tem dois vasos, que são os maus, que abrem. E quando esses vasos que são os maus que a ciência não sabe... **Fulana** pode-se molhar ou pode ter uma coisa qualquer, o sangue sobe à tola, sobe à cabeça. Havia ali um médico chamado David que curou uma quantidade impressionante de mulheres. (CORDIAL-SIN: STJ63)

FIGURA 5 – *um gajo, um tipo, um indivíduo*

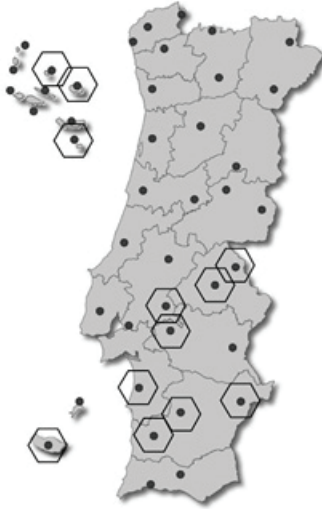


No CORDIAL-SIN também aparecem, nalguns casos em ocorrências únicas, *um gajo*, *um tipo* e *um indivíduo*, com a interpretação relevante, como se representa na figura 5 e se exemplifica em (68) a (71). No exemplo (70), *um tipo* refere claramente a primeira pessoa (singular), estando o informante a falar de um gato seu. A distribuição geográfica destes indefinidos é semelhante à observada para os indefinidos com *fulano/fulana*, ou seja, dialetos meridionais e insulares, agora com uma atestação também na Madeira.

- (68) Noutro tempo, encontrava-se às vezes esses buracos e **um gajo** com um coiso cavava, cavava até chegar lá ao fundo, até chegar lá à coelheira. (CORDIAL-SIN: AJT13)
- (69) Algum trigo que vinha assim mais cedo, quando **um gajo** lá ia, não estava lá nada. (CORDIAL-SIN: AJT31)
- (70) Era um gato mais bonito! **Um tipo** gostava muito daquilo, mesmo coiso. (CORDIAL-SIN: LVR30)
- (71) Mas, agora, veja bem, **um indivíduo** a vender batatas a oito mil réis ou a dez, mesmo, para pagar seiscentos mil réis a um homem,

depois, adubos e rendas de terras e essa coisa toda, quanto é que não é preciso! (CORDIAL-SIN: AAL28)

FIGURA 6 – *um fulano, o fulano, fulano, fulana, um gajo, um tipo, um indivíduo, a mulher*



Reunindo os dois mapas anteriores, obtém-se o mapa da figura 6, que mostra bem delimitadas as áreas dos dialetos meridionais e insulares. Nestas áreas dialetais, os nomes humanos de referência vaga *fulano/fulana, gajo, tipo* e *indivíduo* podem ser alternativas a *pessoa* na expressão da autorreferência projetada.¹⁸ E é também nos dialetos meridionais que

18 No *Corpus África*, além de *aluma pessoa*, apenas *o/um indivíduo* ocorre no registo oral (Angola, Moçambique, Guiné) ou escrito em todas as variedades do português em África, como exemplificado em (i) a (iii). No português angolano escrito, encontro também *um gajo*, que no exemplo (iv) aparece na função de objeto direto, com clara interpretação de primeira pessoa.

(i) portanto penso que, é verdade que não é imperativo mas é sempre bom, conhecer-se uma das línguas e sobretudo se for a língua local em que **o indivíduo** viu, se viu crescer, eh essa é a minha opinião pessoal (*Corpus África*: Angola)

(ii) quem fazia um casamento no tempo atrás não tinha dificuldades que tem hoje portanto com uma despesa muito ínfima **eu** podia fazer um casamento mas hoje em dia ah ah não é necessário isso já já não é necessária despesa ínfima para fazer um casamento é preciso que **o indivíduo** ah tenha dinheiro porque para casar é preciso que tenha dinheiro não é? (*Corpus África*: Moçambique)

(iii) ah, da minha experiência como aluno, eu diria que estudei nos velhos bons tempos, em que, embora eu não tivesse à partida a importância das, da educação, ou da formação, da instrução, ah, mas ah, algumas informações dos meus professores na altura que me davam indicação de que, ah, com, ah, com a

aparece a única ocorrência de *a mulher* com a interpretação relevante. A frase em (72), produzida por um homem, tem a tonalidade exclamativa (através de uma interrogativa retórica) que vimos ser uma das marcas da orientação para a primeira pessoa.

- (72) Mas ainda assim mesmo, uma mulher ia aí trabalhar como esta minha foi trabalhar, ia ganhar um litro de azeite por dia. Então qual é **a mulher** agora que quer ir trabalhar a ganhar um litro de azeite por dia? (CORDIAL-SIN: MLD50)

5. Conclusão

De acordo com Moltmann (2010: 471), “first-person-oriented genericity is a form of generalization that is associated with the meaning of a wide range of expressions, and most explicitly in English with generic *one*”. Neste artigo procurei mostrar, no quadro da abordagem semântica de Moltmann (2010), que os indefinidos *a pessoa, uma pessoa* são bons correlatos do inglês *one* enquanto expressão da genericidade ancorada na primeira pessoa.

First-person-oriented genericity leads to self-locating beliefs and assertions, but it involves self-reference in a quite different way than familiar cases of pronouns interpreted *de se*, involving the notion of a self that can detach itself from the actual person.

Moltmann (2010: 471)

Outros nomes humanos de referência vaga (*homem, fulano, fulana, gajo, tipo, indivíduo, mulher*) podem originar no português europeu expressões indefinidas semanticamente afins de *uma pessoa, a pessoa*, mas com muito menor frequência de uso e, nalguns casos, circunscritas a certas áreas dialetais. O seu baixo número de ocorrências no corpus CORDIAL-

escola, ou tendo a escola, ah, **um indivíduo** estaria em condições. (*Corpus África*: Guiné)

(iv) — cocei as pernas, os mosquitos tavam a massacrar **um gajo**. (Ondjaki, *Bom Dia Camaradas*, Lisboa, Caminho, 2018, 4ª ed., p. 107)

SIN não permite saber se há, ou não, total equivalência entre as variantes sem determinante (por exemplo, *fulano*), com o determinante *um* (por exemplo, *um fulano*) e com o determinante *o* (por exemplo, *o fulano*). No que diz respeito a *pessoa*, que não ocorre sem determinante, defendeu-se que *uma pessoa* tem sempre interpretação inclusiva, enquanto *a pessoa* pode ter interpretação inclusiva ou exclusiva (uma diferença talvez sujeita a variação idioletal).

REFERÊNCIAS

- Amaral, E. T. R., & Oliveira, F. C. de. (2019). A influência de fatores semânticos no uso de nomes gerais para a indeterminação do sujeito. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 41(1). <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/44977>
- Amaral, E., & Mihatsch, W. (2019). Incipient impersonal pronouns in colloquial Brazilian Portuguese. In P. Herbeck, B. Pöll, & A. C. Wolfsgruber (Eds.), *Semantic and syntactic aspects of impersonality* (pp. 149-185). Buske.
- Carvalho, J. (2019). Teasing apart 3rd person null subjects in Brazilian Portuguese. In I. Feldhausen, M. Elsig, I. Kuchenbrandt, & M. Neuhaus (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2016. Selected papers from 'Going Romance' 30 Frankfurt* (pp. 237-254). John Benjamins.
- Castroviejo Miró, E. (2008). Deconstructing Exclamations. *Catalan Journal of Linguistics*, 7, 41-90.
- Costa, J., & Pereira, S. (2013). A Gente: pronominal status and agreement revisited. *The Linguistic Review*, 30(2), 161-184.
- Malamud, S. A. (2012). Impersonal indexicals: *one, you, man* and *du*. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 15(1), 1-48. <https://peeps.unet.brandeis.edu/~smalamud/malamud-JCGL-web-draft.pdf>
- Malamud, S. A. (2013). (In)definiteness-driven typology of arbitrary items. *Lingua*, 126, 1-31. https://www.researchgate.net/publication/256806415_Indefiniteness-driven_typology_of_arbitrary_items
- Martins, A. M., & Nunes, J. (2021). Brazilian and European Portuguese and Holmberg's 2005 typology of null subject languages. In S. Baauw, F. Drijkoningen, & L. Meroni (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2018: Selected papers from 'Going Romance' 32, Utrecht* (pp. 171-190). John Benjamins.
- Moltmann, F. (2006). Generic *One*, Arbitrary PRO, and the First Person. *Natural Language Semantics*, 14(3), 257–281.
- Moltmann, F. (2010). Generalizing Detached Self-Reference and the Semantics of Generic *One*. *Mind & Language*, 25(4), 440–473. doi:10.1111/j.1468-0017.2010.01397.x
- Pinto, C. (2019). Os múltiplos valores do item *homem* no Português Antigo. In E. Carrilho, A. M. Martins, S. Pereira, & J. P. Silvestre (Eds.), *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro* (pp. 1147-1180). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39619>
- Pinto, C. (2021). *Minimizers and the Syntax of Negation: A diachronic and comparative approach from European Portuguese* [Tese de doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Posio, P. (2017). Entre lo impersonal y lo individual. Estrategias de impersonalización individualizadoras en el español y portugués europeos. *Spanish in Context*, 14(2), 209-229.
- Posio, P. (2021). A *pessoa* and *uma pessoa*: grammaticalization and functions of a human impersonal referential device in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 20(1). <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5682/>

CORPORA

CORDIAL-SIN – Martins, Ana Maria (coord.). [2000-]. *CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. CC licensed: CORDIAL-SIN by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. <http://clul.ulisboa.pt/recurso/cordial-sin-syntax-oriented-corpus-portuguese-dialects>

Corpus Africa – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
<http://gamma.clul.ul.pt/CQPweb/corpusafrica/>

ANEXO: Os pontos da rede do *Corpus dialetal para o estudo da sintaxe* (CORDIAL-SIN)



1. VPA Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo.)
2. CTL Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
3. PFT Perafita (Vila Real)
4. AAL Cast.Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpaíhão, Nisa (Portalegre)
5. PAL Porches, Alte (Faro)
6. CLC Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)
7. PST Camacha, Tanque (Funchal)
8. MST Monsanto (Castelo Branco)
9. FLF Fajãzinha (Horta)
10. MIG Ponta Garça (Ponta Delgada)
11. OUT Outeiro (Bragança)
12. CBV Cabeço de Vide (Portalegre)
13. MIN Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)
14. FIG Figueiró da Serra (Guarda)
15. ALV Alvor (Faro)
16. SRP Serpa (Beja)
17. LVR Lavre (Évora)
18. ALC Alcochete (Setúbal)
19. COV Covo (Aveiro)
20. PIC Bandéiras, Cais do Pico (Horta)
21. PVC Porto de Vacas (Coimbra)
22. EXB Envara do Bispo (Lisboa)
23. TRC Fontinhas (Angra-do-Heroísmo)
24. MTM Moita do Martinho (Lairia)
25. LAR Larinho (Bragança)
26. LUZ Luzianes (Beja)
27. FIS Fiscal (Braga)
28. GIA Gão (Porto)
29. STJ Santa Justa (Santarém)
30. UNS Unhais da Serra (Castelo Branco)
31. VPC Vila Pouca do Campo (Coimbra)
32. GRJ Granjal (Viseu)
33. CRV Corvo (Horta)
34. GRC Graciosa (Angra do Heroísmo)
35. MLD Melides (Setúbal)
36. STA Santo André (Vila Real)
37. MTV Montalvo (Santarém)
38. CLH Calheta (Angra do Heroísmo)
39. CPT Carrapatelo (Évora)
40. AJT Ajustrel (Beja)
41. STE Santo Espírito (Ponta Delgada)
42. CDR Cedros (Horta)